

Expediente

Recebemos exemplares das seguintes publicações:
O Direito, anno VII, n. 2.
Bibliotheca economica, ns. 97 e 98.
Anuário do Relatário apresentado á assembléa legislativa pelo Exm. Sr. conselheiro João Lins Vieira Cansião de Sinimbu.

Pontos sobre a theoria dos numeros, por F. e A.
Carneirinho carneiro, polka para piano pelo Sr. Antonio Fortunato de Saldanha da Gama.

Convites:

Da empresa do Cassino para a primeira representação da *Fingança de uma noiva*.

Do Sr. Manoel Luiz Tavares para a inauguração do grande hotel e hospedaria central, no dia 15.
 Agradecemos.

Recebemos uma pequena carta que veio para ser entregue a quem quer que da redacção o portador encontrasse na sala. Felizmente estavam todos e a carta coube um pouco a cada um.

Transcrevemola porque é de uma senhora, ao que nos parecec.

« Illm. Sr. redactor do *Besouro*.

« Tenho que dizer a V. S. que sou mulher, o que talvez não creia a principio; porém est desde já, debaixo de qualquer responsabilidade, posso jurar que o sou.

« Um pouco romantica na fórma, bastante realista no fundo, com pequenos espaços de reticencias de lyrisimo, vou seguindo curiosa tudo quanto se faz e tudo quanto se diz. V. S., que tem feito praça de bellos espiritos (*), tem por isso mesmo de algum modo intrigado o meu que, sem ser bello, não considero muito feio; a curiosidade é o pequeno peccadillo que fica sempre das sete peccados mortaes em cada um dia da semana, é sempre o ultimo do que nos absolvemos e o primeiro que commetemos, por isso desculpe a pergunta que, longe de ser imprudente, é simplesmente curiosa.

« Queria saber o que V. S. sempre tem para um dia esquecer um homem, outro dia lembrar-se delle tão vehementemente, que parece que esse homem foi elevado á maior posição do Imperio.

« Assim é, por exemplo, que um dia o espirito de V. S. delectava-se com o reporter Tinoco, foi elle quem sempre andou na entrelinha da phrase espirituosa (**) da anedocta, era elle o dito, o calembourg, a novidade, e hoje V. S. esqueceu-o.

« Onde está elle?

« Queria desculpar V. S. a curiosidade do quem se assigna

Resposta:

Srs. D. Laura.

Si quiser saber onde está o reporter Tinoco, dirija-se á redacção do *Journal do Commercio* (Ouvidor n. 61). Temos muito espirito, de accordo; porém não nos prestamos...

Somos, minha senhora,

Laura Méry. »

Attentos creoulos.

Querendo dar um caracter geral á nossa folha e accentuar mais o quanto somos gratos ao publico não poupano melhoramentos, damos agora uma secção commercial, que está a cargo de um dos mais competentes redactores de *quelle genero*.

(*) Não nomeie da redacção.— V. Ex. penhoras nos subterfugos...
 (***) A redacção. — Oh! minha senhora! por quem é...



Aos senhores politicos



endes todos realizado pouco mais ou menos as vossas variadas vidas, isto é, tendes feito tudo quanto pode impellar um organismo vicioso, uma consciencia errada, um criterio senil.

Sois dous homens que re guerreamos porque falta um pingo n'um í da Constituição; duas idéas que valem menos do que uma idéa, que até hoje têm assolado o paiz com muito bonitos discursos, e muito maus tambem, onde vale a rethorica e não falla a grammatica e o bom senso. Entretanto hoje, ao passo que as bellas chapas, os grandes ditos vão correndo o pequeno mundo do Brasil, vão tambem retrogradando no conceito publico as vossas consciencias e as vossas probidões.

A patria, magna-chapa, a antiphona eterna das vossas eloquencias, era a principio uma creatura séria, como uma divindade bruta, e ouvias n'um bem estar de ignorancia; hoje porém que passou de divindade bruta a divindade intelligente, em vez de esticar as orelhas para ouvir, abre as guellas e ri.

É o melhor estado a que ella podia chegar. Usae a patria como bem vos parecer, em todos os tons, em todas as perorações, em todas as exclamações; ella irá para toda a parte rindo com aquella alegria estontecida das mulheres que se afidgam nas correrias lubricas, parando de leito em leito, porque as vossas phrases tem perfeitamente o macio daquelles leiticos, tem o calor que cosinha e fermenta.

— Norma para os senhores politicos seduzirem a patria.

O' patria dos meus avós, berço das grandes confrarias da industria politica, bella visião do passado (*Manuel de Macedo*) que attiraram de braços (*tribuno Gaspar*), tens sido até hoje obrigada a beber agua nessa posição. Eu só desejo que quando o meu partido cair, eu tambem possa cair... nas graças do outro partido!

PERSEPHLOR.

Qual é a cousa que mais dura nesta vida?

É esta a ultima pergunta-torneio do *Reporter*.

Vou responder:

— É a leitura de um folhetim do C. de L.

Venha o premio.

SAMUEL.

Soares

Defronte de um retrato de Dumas Filho:

— Tem uns ares do Zалуar...

— Só ares...

P.

Pequenas notícias



Consta-nos que alguns senhores deputados vão ao parlamento assistir ás sessões, convencidos de que vão assistir a sessões de spiritismo.

×
E' uma grave illusão...
Compete ao governo tomar sérias medidas.

×
Corre com impertinente insistencia que o Sr. Balcão, ão! está para fallar... com os seus botões, ães!

E' lhe mais commodo, porque assim empregará melhor a sua rethorica.

×
A rethorica do Sr. Balcão, ão! é a de palito na boeca, o que faz lembrar a do Sr. Martin Francisco.

×
O Sr. de Cotegipe affirmou que nos banquetes é que mais se manifesta a natureza do Sr. ex-Gaspar, ou, por outra, ex-ministro Gaspar.

Afirmamos que ha naturezas assim, effectivamente.

×
Ouvimos dizer.....
.....do Sr. visconde de Prados.

×
Parece que muito em breve vamos ter uma Exposição Universal. Dizem que é este o unico meio de vir até cá o Schá da Persia para terem S. Magestade e o Sr. Moura, o bule, occasião de servil-o.

×
Parece que o *Papagaio* do *Jornal* é o Sr. Augusto de Castro, *Ex digno... Caipira*.

O *Papagaio* é quem escreveu as *Bibbhoticas* e o ponto final dos entrelinhados.

×
O Sr. Camargo (Eleuterio Antonio) cabala para entrar para o Conservatorio dramatico, antes da primeira representação da *Camargo* (carreguem no ultimo o).

Porque será?...
×

Acha-se entre nós o illustre Sr. conselheiro Acaico, auctor de crescido numero de charadas enigmaticas e de varios necrologios. S. S. honrou nos com a preferencia para a publicação do seu bello romance — *O dente de dona Gabriella*, que os leitores encontrarão mais adiante.

×
As ultimas cartas de Roma para o governo não fallam do Papa, — nem do Papa nem de ninguém.

Krr.

P. S. — O reporter *Figuêri* retirou-se do *Reporter*. Registramos o facto e não o commentamos.

K.

Ora o C. de L!

O engraçado C. de L., auctor dos folhetins domingueiros do *Jornal do Commercio*, cada um dos quaes nos parece a *Historia Universal*, de Cantu, ou o *Diccionario*, de Larousse, o supplemento inclusive, — C. de L. affirmou domingo passado que o *Besouro* vende espirito, mas que não consta que nenhum de seus freguezes tivesse tido indigestão.

Esta banalidade, que veio com ares de remoque, é simplesmente um elogio: C. de L. confessa que não somos indigestos.

E C. de L. é ou não é indigesto? *Ecco il problema*.

Não o sabemos; o que asseguramos é que o seu ultimo — folhetim — livro — de — duzentas — paginas — produziu em nós o mesmo effeito de quatro onças de oleo de ricino.

O *Besouro*.

Brinde

O Sr. conselheiro Affonso Celso, no banquete politico do Sr. Franca Carvalho, disse, n'um brinde, que a imprensa é sempre mercedora de respeito, ainda quando desvaída.

A isto, que se pôde chamar uma sangria em *saude*.

Este, ao menos, para ter fechadas as portas do *Thesouro*, não precisa descompor ninguém.

P.

O solo governativo

Entre nós a politica é uma partida de solo. O Imperador dá as cartas e fica de *garrancho*; o ministerio é o *feito* e joga contra o partido contrario e a dissidencia.

Como tem interesse em que o *feito* perca, o *garrancho* está só a aconselhar-lhe cartadas que o espichem.

Fox.

Orando...

Sabbado passado, em uma sociedade litteraria, o respectivo presidente terminou deste modo o seu discurso:

— Deus permitta que tenhamos um futuro tão lisongeiro como o que acaba de passar.

SAMUEL.

Livros emprestados

— Que relação ha, perguntava-me ha dias uma formosa senhora, entre os livros que se emprestam e as almas do outro mundo?

— Não sei, minha senhora... Declaro a V. Ex. que não sou forte em charadas.

— Pois não atina? E' que os livros emprestados e as almas do outro mundo — vão e não voltam.

P.

O BESOURO

O "CUMPRE QUE DECRETEIS,"
(Parodia do celebre quadro de Gerôme Phryné devant le tribunal)



A obliquo indirecto é a moderna Phryné.
— Condemnem-n'a! condemnem-n'a! no pódo! To furioso, tão bella! Condemnem-n'a!
— Impossível! impossível! dizem os juizes; mas... sempre que decreteis!

Emilio Zola



Jornal do Commercio, que ha quasi loiz annos pouco mais ou menos em feito praça de litteratura, e de um pouco de jornalismo, ha um anno, si tanto, na sua primeira columna—encetou no dia 17 no seu largo roda-pé uns estudos criticos (*caras e caretas*), filhos do mesmo author do *Ver, Ouvir e Contar*, daquelle mesmo que representou a nossa litteratura (?) no Congresso Internacional litterario durante o tempo da Exposição, sob o pseudonymo de Sant'Anna Nery.

O primeiro estudo de critica, a primeira cara ou careta que o critico escolheu foi o de Zola, um dos mais notaveis escriptores da França, aquelle que por seu merito real e incontestavel tem conquistado uma certa celebridade na Europa.

O folhetinista é essencialmente um obscuro romantico, com ingenna orthodoxia, que, por uma inversão de principios, por uma vontade de apparecer, quiz com uma pennada destruir aquillo que infelizmente é ainda pouco conhecido entre nós.

E é tanto mais inconveniente quanto prova a sua ignorancia das obras do escriptor francez; porquanto com uma forma que nem tem a subtilidade e a argucia do adversario ladino, nem a franqueza e a coherencia do que tem estudado e vem com o animo desprevidido, diz umas tantas cousas que são para muitos banaes e indifferentes e para outros verdadeiras calumnias.

Assim protestamos contra a grande accusação leviana do critico. Diz o critico que o romancista nunca estudou e limou paginas conscienciosas, quando os seus livros são o resultado de observações e tem conclusões tiradas de factos indiscutíveis, por isso que são experimentaes.

Para nós, que rendemos culto ao talento de Zola, a quem consagramos todos os enthusiasmos da nossa alma, o folhetinista enganou o publico fluminense sem direito e sem autoridade de o fazer; por isso que para ajuizar do *Assommoir*, é necessario conhecer a serie dos typos subjectos a uma ordem e classificação natural; e portanto estabelecer uma critica de principios que está muito longe do bico da penna do folhetinista; e estabelecer uma serie de factos, que presuppõe uma porção de phenomenos e portanto uma serie de observações.

Os outros livros de Zola—*Therese Raquin*, *Confissões de Claudio*, *Magnolena Feret*, *Novos Contos a Ninon*, parece que são desconhecidos ao folhetinista e no entanto são, cada um delles, uma manifestação aparte do escriptor.

O publico fluminense já conhece um pouco o escriptor francez; o publico fluminense já tem em si uma coordenação intelligente, para comprehender que o folhetinista é uma organização intransigente pela sua critica e um espirito intolerante pelos seus folhetins.

Zola só pôde ter de inconveniente o verdadeiro, aquillo que impressiona e incommoda o temperamento de *tarbiçado* do critico pela magestade da luz, mas que para outros é positivamente um supremo bem.

X.

A Mercedes

Quando as aves fugitivas
Vão do azul brotando á face,
Como esparsas flores vivas
D'um jardim que se animasse,

Sinto no vel-as tão canóras,
Do ciume o acerbo espinho,
Pois que muitas têm seu ninho
Sobre a casa em que tu mórias!...

AFONSSINHO.

Um dito antigo



uvimos alguém contar ha poucos dias a pequena historia que reproduzimos:

« Quando morreu o *Diario do Rio*—ultimamente—o *Caipira* encontrou-se com o seu Redactor e disse-lhe no tom mais solemne, mais impertigado, mais protector, fitando-o atravez das duas clareboias azues:

— O *Diario*, meu amigo e Sr., o *Diario*... o *Diario* que saber?... morreu por causa das

litteraturas. »

Quem leu os ultimos numeros do *Diario* pôde dar franco testemunho disso; pôde acreditar no *Caipira*, o engracado auctor das sextas no roda pé do *Jornal*, onde é muito apreadado e mesmo olhado de certo modo especial.

Assim, depois da historia, fazendo sentir que o *Caipira* é o auctor das cartas que tem um pequeno passado litterario (?), que tem um pouco de jornalismo no *Jornal do Commercio*, podemos afaçar que o elogio fúnebre do *Diario* só podia ser feito pelo chantage do *Jornal*.

JULLÃO.

Em conversa...

O Sr. Sève, o heroe do romance da rua Bella da Princesa, no meio de uma discussão:

« ... então peguei n'uma penna e escrevi-lhe um bilhete a lapis... »

I.

No album do Sr. Quintella

Faz-se a melhor harmonia
Com elementos diversos;
Mesclam-se espinhos ás flores:
Posso aqui pôr os meus versos.

MACHADO DE ASSIS.

Parte commercial



s bancos não affixaram tabellas de cambio porque o porteiro esqueceu-se de o fazer.

Foi pena!

Alguns bancos saccaram justamente aquillo que um banco pode saocar.

Dentro da Bolsa houve pasmacca: ouvia-se voar uma mosca e fallarem os zangões.

Fôra gritava-se: a bolsa ou a vida e corria-se para dentro della (da Bolsa).

Fretou-se um navio para transportar um presidente de provincia.

O movimento da Bolsa foi exquizado, o que fez um gordo negociante observar:

— Acho que apertaram muito os cordões a Bolsa... não abre.

O cambio subiu; temos tres assignantes novos do Paraná.

Os fundos publicos têm sido pouco procura- dos; tal qual como os passicos idem.

Letras hypothecarias vendidas por alguns filhos prodigos.

Metas—Soberanos são os povos, que guardam a sua autonomia... (chapa de metal).

Tox, reporter do commercio.

O dente de Dona Gabriella

ROMANCE

PELO

CONSELHEIRO ACACIO

CAPITULO

Em que se apresentam em scena dous namorados daquelle bom tempo d'el-rei nosso senhor.

O seculo XIX ainda não soltava sequer os primeiros vagidos.

Ninguem sonhava ainda com telescopios, telegraphos, telephons e theodimios...

Entre os nossos leitores algum haverá, quiçá, se recorde de que ha cem annos uma noite houve—escura e ameaçando chuva.

Entretanto, um vulto, embaçado em negra capa, sob a qual se desenhava a forma de um florete, trazendo o chapéu de tres bicos puxado para os olhos, atravessava o bairro dos Arcos, desta muito heroica, e desaparecia n'uma azinhaga estreita, meio encoberta, para quem demandava a Lapa, pelos alicerces do aqueducto da Carioca, a que haviam então dado começo.

A azinhaga dizia para o quintal de uma casinha de pobre apparencia, cuja frente erguia-se entre duas mangueiras na passagem do Ou- teiro, que desapareceu sem deixar vestigios.

O vulto encontrou outro vulto na azinhaga. Os dous amantes, pois dous amantes eram, no terreiro entraram e depois abrigaram-se do pranto celeste sob um alpendre, sustentado de columnas grossas e já então gastas pelo tempo e enroscadas pela hera.

— Dom Rodrigo de Albuquerque!

— Dona Gabriella de Mascarenhas!

E um apertado amplexo, dos que só se davam em tempos coloniaes, disse o que não diriam palavras assucaradas e vans.

Depois de desfogarem saudades mil na- quello fervido abraço, dona Gabriella, soluçando, exclamou:

— O discreto mensageiro trouxe-me as tuas lettras. Verdade falli-te?

— Verdade foi. Vou partir, muito senhora minha. Meu pae, o Sr. morgado de Moitões, deseja-me na corte d'el-rei nosso senhor!

E tirando respeitadamente o seu chapéu de tres bicos, o morgadinho deixou ver uma cabelleira irreprehensivel, emoldurando um rosto não menos irreprehensivel, quiçá.

— As convulsões politicas que ora agitam Lisboa, continuou elle, cobrindo-se, podem abri- me as portas do futuro.

E depois de breve pausa, durante a qual só se ouviam os soluços de dona Gabriella:

— Vou partir, dona Gabriella. Ancorada no porto e prestes a saber se acha a caravelle que de conduzir me tem. Mas nunca jamais me olvidarei de vossa mercê, e de vosso affecto, senhora minha. Aqui vos trago, e em boa hora o seja, um singelo objecto em penhor da constancia minha.

E abrindo a negra capa, dom Rodrigo saccou um grande castiçal de prata azinhavrada.

— Isto o que é, maneco?

— Aqui tendes! Com este castiçal de prata, que da casa foi dos Tavora, vos allumiareis du- rante a minha ausencia. Exijo tambem de vossa parte fé jurada.

— Feijoadá?

— Ouvistes mal, dona Gabriella: fé.... ju- rada.

— Nada hei que dar-vos possa, moço ama- do...

— Nada!...

— Meu castiçal uma garrafa é. E licito não fôra que vos eu desse uma garrafa como penhor de minha constancia.

E de repente:

— Ah! — Que mais duradouro objecto vos posso confiar que um dente meu?

— Lembrestes bem, Gabriella de Mascarenhas, lembrestes bem! Um dente de vossa bocca talisman será para o vosso cavalleiro.

— Mas de que modo arrancar-o-hemos?

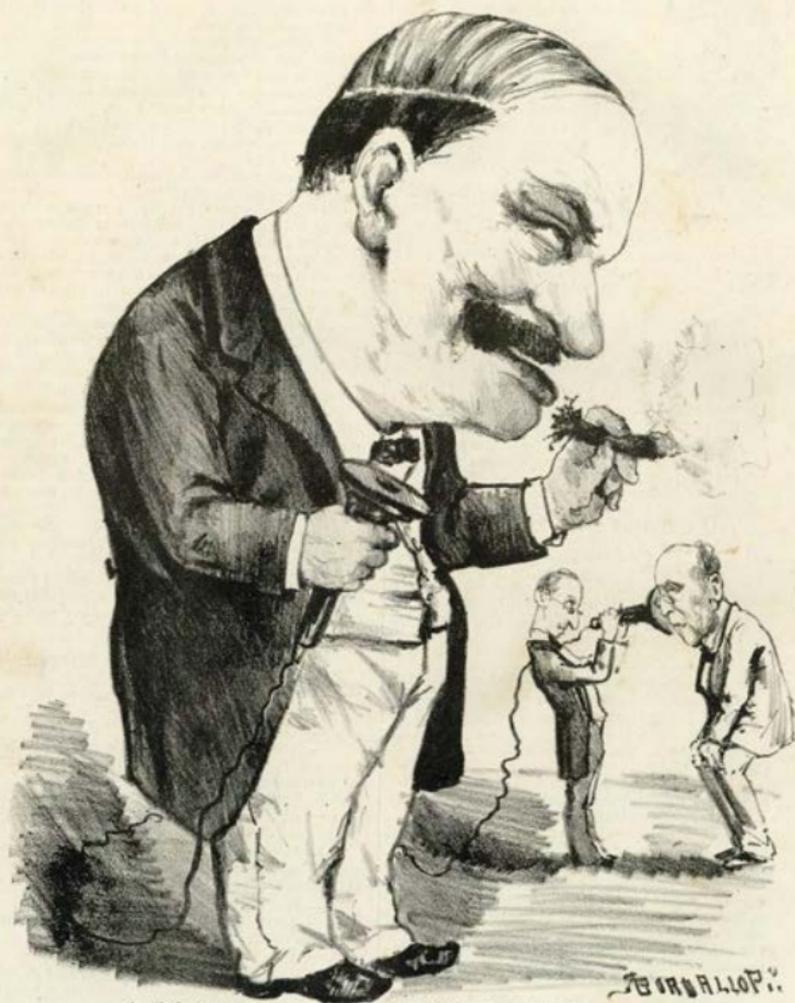
— Aguardae-me um instante, amada minha.

E n'outro tom:

— Vou chamar mestre Marcos.

Quando dona Gabriella deu por si, só viu, e de relance apenas, o rabicho da cabelleira e a ponta do florete do filho do Morgado de Moitões, que desaparecia na entrada da azinhaga, em busca de mestre Marcos.

ESBOÇOS PARLAMENTARES



S. EX. CARVALHO—CAMBYSES... DE SOIZA

Quer o telephono para os ministros, para a politica, para o senado, para a camara e... até para si mesmo!
Será este telefonico deputado o novo ministro dos estrangeiros?